Elite e a educação feminina em Pelotas: uma leitura através dos diários íntimos de Clarice Tavares Xavier (1950)

Letícia Portella Milan*

Introdução

A cidade de Pelotas, localizada ao sul do Rio Grande do Sul, passava por transformações em sua malha urbana desde o início do século XX. Na cidade, as ideias progressistas manifestavam-se nas atividades administrativas da prefeitura por meio de reformas em ruas, cuja pavimentação melhorava a circulação dos veículos e transportes públicos; na construção de edifícios para moradia de uma emergente classe média e em praças para uma sociabilidade de passeios (*footing*) que contornava a malha urbana¹. Nessa direção, essa transformação arquitetônica e social da cidade também se expandia na intensificação do comércio e em atividades culturais que surgiam nesse espaço, como, por exemplo, as sessões nos cinemas. Uma modernização espacial, econômica e cultural exigia das pessoas uma nova forma de se portar ou “navegar” na cidade, logo, eram necessárias novas regras de comportamento nas sociabilidades e lazeres emergentes desse espaço urbano.

Tendo em vista que Pelotas era no século XIX uma cidade notoriamente reconhecida pela sua riqueza cultural advinda da atividade econômica das charqueadas, a elite pelotense tinha seus próprios espaços de sociabilidade e códigos de conduta. Desse modo, o capital econômico da elite era um status social que lhe

* Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Maria (2014), Mestre em História pela Universidade Federal de Pelotas (2018). Atualmente, é Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde pretende desenvolver uma tese com a metodologia da "História das emoções" nos egodocumentos de Sylvia Plath.

E-mail: leticiapmilan@gmail.com

¹ Sobre os estudos enfocados especificamente em Pelotas, destacamos três trabalhos: Anjos (2000) faz uma pesquisa sobre a presença dos estrangeiros na cidade. O autor interpreta-os como agentes importantes no processo de modernização do espaço urbano, e, dessa forma, explicita a atuação dos estrangeiros no surgimento de novos espaços públicos como os jardins, parques e hotéis; Devantier (2013) elabora uma pesquisa sobre a Rua XV de Novembro por meio da caracterização das sociabilidades como comércio, passeio e desfiles de carnaval nessa rua; Em consonância com as supracitadas pesquisas, a dissertação de Lopes (2007) apresenta um panorama geral da paisagem urbana com enfoque na modernização do serviço telefônico (CTMR).

conferia distinção por meio de refinamento de gestos como a apreciação pela arte e consumo de objetos de luxo. No século XX, tal como no passado, essa elite continuou exercendo uma diferenciação social pela construção de seus próprios espaços e códigos de comportamento. Diante de uma nova mentalidade econômica e cultural que emergia da modernização, o presente artigo pretende abordar as questões educacionais desse período, especificamente sobre a educação feminina das moças de elite na década de 1950. Sabe-se que as produções científicas no campo da História da Educação no Brasil têm se dedicado a inserir na historiografia estudos sobre a educação das mulheres. Contudo, a dificuldade em investigar esse tema se faz presente devido à ausência de registros oficiais sobre a condição feminina, “os arquivos que existem já são conhecidamente imprecisos e marcados pela generalização convencional do masculino, dificultando a identificação do número de alunos do sexo feminino” (CUNHA e SILVA, 2010, p. 98).

Para além dos arquivos públicos e registros oficiais, os diários íntimos são outro tipo de fonte que tem o potencial de revelar a condição educacional feminina. Sendo assim, ao contrário da predominante voz masculina dos arquivos oficiais, nos diários, temos a visão de uma pessoa que, ao escrever sobre si, exerce uma constante avaliação sobre a realidade interna e externa que está inserida. Os diários, em sua grande maioria, originários de arquivos pessoais, são fontes que devido ao esquecimento ou descarte são pouco utilizadas nas análises históricas pelos historiadores e historiadoras. E por isso, quando se tem a possibilidade de acessar essas fontes, uma perspectiva abrangente de pesquisa surge, em temáticas que se referem aos aspectos sociais, econômicos, culturais e relações de gênero presentes na fala reflexiva dos escritores e escritoras de diários.

Dito isto, o presente estudo é parte de um trabalho² cujo objetivo foi desenvolver uma pesquisa histórica por meio da leitura de um diário íntimo de uma jovem de 14 anos na cidade de Pelotas. Clarice Tavares Xavier, uma moça pertencente a uma tradicional família da elite local, escreveu por dois anos um diário que, segundo suas próprias palavras, foi iniciado após completar 15 primaveras. Nesse sentido, seguindo os preceitos dos estudos sobre “Cultura escrita” e “Escrita de si”, os diários foram interpretados como uma forma de educação das moças de elite, uma espécie de cuidado de si sobre os sentimentos, comportamentos e reflexões do cotidiano, ao mesmo tempo em que, para além do âmbito individual, essas narrativas revelaram hábitos culturais de grupos sociais onde é possível delinear as práticas educacionais

² Este trabalho é resultado de minha dissertação de mestrado finalizada em 2018, intitulada “Lazer e sociabilidade da elite pelotense: os diários de Clarice Tavares Xavier”.

como a escrita e a leitura, hábitos de consumo e espaços de lazer e sociabilidade em âmbito público e privado.

Sendo assim, o presente trabalho tem como foco apresentar parte dos espaços educacionais de Clarice, especificamente as instituições formadoras de uma educação feminina cristã. No texto a seguir, questões referentes às instituições educativas formais como o Colégio São José e as práticas filantrópicas serão abordadas. Em conjunto aos diários, outras fontes também foram utilizadas. Durante a pesquisa, alguns arquivos foram visitados, como, por exemplo, a consulta ao Jornal *A Opinião Pública*, localizado na biblioteca pública de Pelotas, e a solicitação à secretaria do Colégio São José para acesso e cópia do histórico escolar de Clarice.

Educação feminina da elite pelotense: os diários de Clarice Tavares Xavier como estudo de caso

No dia 9 de maio de 1954, Clarice Tavares Xavier estava celebrando seu aniversário de 15 anos e dando início à escrita de seu diário:

Hoje completo 15 primaveras tenho, pois, o direito de começar meu diário. Hoje coroando com êxito os esforços de mamãe, dei no palácio do comércio um chá em honra de mim mesma. Pois bem o mereço sem dúvida alguma, não somente pelo ato de os meus méritos naturais o reclamarem como pelos *meus dois anos e meio de prisão voluntária* (grifo nosso).

Na passagem inicial do diário podemos observar como Clarice se refere à iniciativa de escrever o diário como um direito adquirido pela passagem de seu aniversário. Pensar os 15 anos como uma passagem da infância para a juventude nos remete a situar historicamente as relações socialmente construídas em torno das noções de infância e juventude nas relações de gênero. Como no caso de Clarice, completar 15 primaveras significa uma série de novas posturas sociais a serem exercitadas nos relacionamentos e espaços sociais da elite, visto que, por exemplo, o *debut* em clube social significava uma apresentação formal de um novo olhar sobre a função feminina de Clarice no seu respectivo grupo.

Nesse sentido, a prática de escrita de um diário é um indício sobre a possibilidade de exercer uma escrita de si em decorrência de uma escolarização prévia e de meios materiais como um espaço próprio e um tempo livre para dedicação dessa prática. Por outro lado, a escrita de um diário também cumpre uma função, e uma delas pode ser essa escritura como um espaço socialmente aceito para exercício

da voz das mulheres, em que para além do espaço privado, também existia uma tradição literária na primeira pessoa ou na forma de um “diário”. Outra função desse tipo de escrita está relacionada a uma educação de si cristã em que o “vigiar a si mesmo” permite um constante cuidado sobre os pensamentos e posturas no cotidiano. Em suma, o que explicitamos acima são as amplas formas de análise sobre uma fonte de caráter intimista acerca do modo como os diários foram escritos especialmente por mulheres.

Desse modo, retomando a passagem inicial do diário de Clarice, se a idade lhe permitiu iniciar uma escritura que integra sua passagem social de “menina” para “moça”, uma educação de si ou forma de escrita literária, por outro lado, também indica outras questões, como por exemplo, quando ela afirma que para além do alcance da idade e de seus “méritos naturais” o direito de escrever é resultado de “dois anos e meio de prisão voluntária”. Sobre isto, uma consulta no histórico escolar de Clarice revelou que, anteriormente aos anos de escrita dos diários, ela estava no internato “São José”, localizado na cidade de São Leopoldo. Durante a pesquisa, não havia referências bibliográficas ou informações sobre esse internato, contudo, durante as visitas aos arquivos de periódicos da cidade, localizados nos arquivos da Biblioteca Pública de Pelotas, entramos em contato com a pesquisadora Débora Clasen de Paula (2008), que naquele momento também consultava o arquivo dos jornais da cidade.

Em um desses encontros rotineiros no arquivo, a pesquisadora me informou sobre uma notícia no jornal “O Nacional” do dia 10 de março de 1891, que informava a viagem de estudo das filhas de um comendador de Pelotas para um internato em São Leopoldo. A pesquisadora, ao nos informar sobre a referida notícia, nos ajudou a pensar na hipótese de uma tradição na escolha das instituições educacionais femininas que extrapolavam o nível local da cidade. Logo, podemos afirmar que nesse caso existe uma tentativa de construção de identidade entre os membros das elites por meio de instituições educacionais femininas, tal como o internato São José para as filhas do comendador em 1891, assim como para a permanência de escolha dessa instituição nos estudos de Clarice em 1954.

Nesse sentido, se uma “consciência de elite” se construía na aposta de uma educação polida para as moças, de outro modo, não as afastava de antigas ideias sobre a educação feminina. Isto quer dizer que, embora a modernidade exigisse uma nova inserção feminina no espaço público e no mercado de trabalho, a elite pretendia se modernizar em sua distinção de etiqueta sem romper com o direcionamento da função das mulheres para constituição do casamento e do cuidado da família. Desse

modo, a educação se revela como um instrumento reprodutor de ideologias, nas quais, para as mulheres, as normas rígidas garantiam a perpetuação dos costumes e promoção de papéis femininos bem estabelecidos. Essa ideia já foi desenvolvida por Bourdieu (2007, p. 101) quando o autor demonstra que o sistema escolar favorece a formação das diferenças muito além das categorias sociais, mas também entre os gêneros. Sendo assim, os espaços sociais formais e informais cumprem o papel de desenhar o destino das mulheres, em níveis subjetivos, que se estabelecem em laços afetivos matrimoniais, mas também no leque de possibilidades de profissões consideradas “femininas”, mesmo que essas sejam supervisionadas predominantemente por figuras masculinas. Logo, o papel feminino como mãe se estendeu ao exercício social e profissional do cuidado com o outro.

Desse modo, o exposto poderá ser percebido a seguir, quando após o internato de Clarice em São Leopoldo, o retorno para Pelotas inseriu-a em diversos espaços de sociabilidade resultantes da modernização da cidade e que exigiam dela uma cultura de bons comportamentos sociais correspondentes à sua classe social. Nesse sentido, percebemos através da leitura dos diários que uma educação baseada em princípios religiosos e na prática de filantropia era parte desse distinto modo de vida das elites, e a nova escola, o colégio São José, mantinha sua educação dos modelos supracitados.

A experiência de Clarice no colégio São José

O colégio São José foi fundado em 19 de março de 1910 por irmãs da Congregação de São José, que tinham o intuito de direcionar a formação das estudantes/internas para a prática de virtudes de uma boa moça de família. Sobre a trajetória desse modelo educacional, a pesquisa de Rita de Cássia Grecco dos Santos (2012) afirma que a escola priorizava uma formação dentro dos preceitos e valores do cristianismo, onde a importância do casamento deveria ser o objetivo de vida para as moças. Sobre isso, os diários de Clarice indicam algumas passagens sobre as aulas da irmã Teodorina. Embora Santos (2012) não tenha mencionado o nome dessa educadora em sua pesquisa, os relatos de Clarice revelam um pouco sobre o foco educacional dessa instituição:

A irmã Teodorina está nos preparando para a aula sobre o matrimônio e diz asneiras sem fim! Ontem a Teodorina arrancou a Elaine do meu arquivo em compensação a Beatriz me deu uma charilyn espetacularrima para pôr numa divisão de arquivo. Ainda bem que a Teodorina não viu as poesias que havia no arquivo (6 de abril de 1955).

Hoje a Irmã Ilda Maria resolveu dar um toque psicológico na sua liçãozinha, botou no quadro um pontinho riscou alguma coisa dizendo que era trajetória, enfim a história se resume num homem que fez uma trajetória que não queria. Deu-me vontade de dizer que isto não será certo, pois senão todos seriam perfeitos ficando as nossas condições de humanos no chinelo (26 de setembro de 1955).

A fala de Clarice sobre seu arquivo pessoal revela uma informação sobre a qual não obtivemos nenhuma referência, a saber, a existência de um arquivo para cada estudante, muito menos o que poderia existir nesse arquivo. Contudo, os apontamentos de Santos (2012) revelam que as irmãs da Congregação impunham uma rígida fiscalização sobre os pertencentes pessoais das estudantes, como, por exemplo, no controle sobre os tipos de leituras literárias e nas correspondências das moças:

O requinte do disciplinamento atingia até a fiscalização das correspondências e das leituras, podendo certas obras serem parcialmente censuradas, ou até mesmo proibidas. O Art. 54.º não deixava margem para dúvidas: “Cartas, pacotes e outros objetos que forem mandados às alunas, deverão passar pelas mãos da Diretora: não é permitido usar livros que não tenham sido apresentados e aprovados” (SANTOS, 2012, p. 129).

O disciplinamento da escola na educação das moças ocorria pela fé católica. Desse modo, as moças deveriam honrar o nome da escola demonstrando para a sociedade a distinção de uma “aluna do Colégio São José”, apresentando na rotina a postura correta de uma mulher cristã. Logo, por meio de uma rotina religiosa nas missas da Igreja, essas moças não somente estariam reafirmando a obediência ao sagrado como também estariam exercendo a disciplina de um bom comportamento feminino. Entretanto, com o decorrer do tempo a escola precisou mudar sua postura rígida sobre a educação feminina, pois as estudantes não toleravam mais aquele modelo educacional. As gradativas mudanças sociais advindas da luta das mulheres contra a opressão do corpo feminino mudaram a perspectiva educacional que se mantinha até aquele contexto. Dessa maneira, como já dito anteriormente, se a modernização exigia uma nova postura das pessoas em suas relações sociais, a inserção feminina no mercado de trabalho pode ser verificada como um dos objetivos de vida de Clarice. Em seus diários, existem menções sobre o interesse em ser aprovada no vestibular após a formatura no colégio São José:

Vestibular: Agora estou parando na casa da Clécia e hoje de manhã fui fazer as matrículas no S. José. Não sei se me arrisco a fazer vestibular, pois tenho bastante coisa para a 2ª época (16 de fevereiro de 1956).

Eu ando pensando em me meter na enfermagem, já que meu destino é melhor que seja encerrado mesmo (16 de abril de 1956).

Andei cantando a mãe para ver se ela deixa eu ir para enfermagem, mas acho pouco provável (17 de março de 1956).

A pesquisa de Santos (2012) revela que Clarice não estava sozinha na tentativa de se qualificar para o mercado de trabalho. Sua tese apresenta um número expressivo de mulheres que, após a formatura, seguiram a vida acadêmica na universidade ou magistério. Por meio de entrevistas com as ex-estudantes do colégio, a pesquisadora apresenta a vivência das ex-estudantes e, a partir desses relatos, caracteriza os modelos de formação existentes nesta instituição, sendo eles o Curso Normal e o Científico. O primeiro direcionava as estudantes para o magistério; esse caminho é intitulado pela autora como uma “feminização do Magistério”, pois nessa lógica existia a ideia de que as mulheres possuíam os talentos “vitais” e “biológicos” para o cuidado das crianças. Por outro lado, o Científico direcionava as moças para outras profissões. A pesquisadora afirma que a maioria das moças formadas nesse colégio seguiu a carreira da docência ofertada pelo Curso Normal, com exceção de uma das colegas de classe de Clarice, Nailê Russomano, que seguiu a carreira jurídica após a formação no curso de Direito.

Sobre os caminhos educacionais de Clarice, seu histórico escolar revela um desempenho baixo resultando em diversas reprovações. Essas questões podem ser vistas em seus diários em momentos em que Clarice desabafa as dificuldades de concentração nos estudos e reprovação em determinadas disciplinas. Até o ano de 1957, ela permanecia cursando o Científico e após sua formatura não existe nenhuma menção sobre seus caminhos profissionais. Durante a pesquisa, por meio de uma conversa informal com uma das irmãs de Clarice, soubemos que após a formação no Colégio São José, Clarice foi morar no Rio de Janeiro e ingressou na Universidade para cursar Serviço Social.

Os preceitos cristãos na escolha profissional de Clarice: a relação entre o Serviço Social e a prática filantrópica

A escolha sobre o curso de Serviço Social está relacionada a um leque de profissões que eram caracterizadas como “femininas em sua essência”, tal como o curso de enfermagem e magistério (um dos anseios de Clarice na época do vestibular); o curso de Serviço Social estava diretamente ligado a uma tradição católica do

cuidado com os pobres por meio de ações de caridade e benevolência existentes no “coração das mulheres”. Nesse sentido, para além da instituição católica que Clarice estudava, em suas relações sociais também participava de grupos filantrópicos formados por mulheres. Abaixo, elencamos fontes que representam o contato de Clarice com a filantropia. No primeiro exemplo, a reportagem do jornal *A Opinião Pública*, no dia 5 de julho de 1954, anuncia a participação de Clarice como tesoureira na inauguração de uma instituição de caridade para crianças pobres. Ademais, algumas passagens do diário sugerem sua relação com mulheres filantropas como, por exemplo, com Olga Fetter. Por fim, em uma das páginas do diário, Clarice colou uma reportagem sobre sua participação em um concurso chamado “Glamour Girl”, cuja característica das participantes estava relacionada às atividades beneficentes para a sociedade:

Não vou ao chá de beneficência organizado pela dona Olga Fetter em campanha pró sopa escolar. Pelo que vejo nem as compensações vitais e a oportunidade de encontrar alguém não me concedem. Creio que talvez Deus manda estas coisas para me castigar de faltar os meus deveres religiosos e ao mesmo tem me beneficiado fazendo com que eu me volte para o meu próprio eu e me resolva a pegar na pena para escrever (15 de julho de 1956).

Hoje me acordei como de costume às 11 horas com a mãe, o pai e as duas irmãs e mais o cachorro e o gato e o rato e o piolho, invisíveis por que não os há por aqui. Mas Deus escreve direito por linhas tortas que uma das suas vontades foi que eu hoje ficasse em casa perdendo um programão: das 11 ao meio dia missa, das 2 às 4 cinema, das 4 às 4 e meia voltas, a praça deve estar cheia de gente com este calor, e das 5 às 7 chá dançante no clube brilhantes em benefício da sopa escolar (15 de julho de 1956).

Glamour Girl - Muito entusiasmo e tudo para assistência social: Faz conversa a nossa enquete bem para escolha da Glamour Girl da cidade, em festa beneficente às menores desamparadas a ser realizada por este cronista em outubro próximo. Votem todos, e auxiliem a nossa campanha de assistência social. No jornal da Tarde há uma urna de votos. Posso adiantar as moças que estão sendo votadas, pois os leitores só tem falado bem delas... Nailê Russomano de Mendonça Lima, Gislaine Schoroeder (em grande evidência), Lêda Fernandes, Loila Weimar, Edelma Zabaleta, Heloisa Helena Sampaio, Inês Soares...e outras... e outras.

Srta. Clarisse Xavier - muito simpática, e muito atenciosa no ambiente. Desgosta de gente faladeira, acha ótimo o mambo, gosta de escrever cartas, sendo, pois sua atividade predileta a troca de correspondências. Sua cor o vermelho. Seu destino a Faculdade de Direito, o resto... são tantas coisas, pois não. Contou na nossa lista dos sete melhores partidos para 55 o que fez muita conversa. É muito morena e de uma simplicidade que vale por uma bem posta

coluna social. É filha do Sr. e da Sra. Dr. João Xavier (DIÁRIO DE CLARICE TAVARES XAVIER, 9 de maio de 1956).

As passagens acima representam um amálgama sobre as relações de gênero, raça e classe em relação à filantropia. Desse modo, nas duas primeiras passagens podemos pensar que o chá de beneficência organizado pela dona Olga Fetter e a sopa escolar no clube brilhantes são os laços de sociabilidade de Clarice que, por meio da caridade, constroem uma identidade das elites em torno da moral cristã. No caso das mulheres abastadas, desde o século XIX a igreja simbolizou em sua cartilha de costumes a prática da caridade como “um modelo feminino de resignação e sacrifício” para que as mulheres de alta classe tivessem “oportunidades de atuação social e de contato com o mundo para além das paredes do seu lar” (HAHNER, 2013, p. 976).

Nesse sentido, a ideologia cristã alargava o papel social da mulher para além da família por meio de atividades que não colocavam em risco suas funções. “Depositada nas mãos das mulheres da elite urbana, a missão regeneradora da sociedade caberia a estas, através do exemplo e da filantropia, resguardar os valores cristãos” (FREIRE, 2006, p. 110). Desse modo, a igreja em suas atividades sociais incentivava a formação de grupos de mulheres para que essas formassem associações de caridade, orfanatos ou escolas para ajudar as camadas populares, em especial as crianças. Em um nível social das elites, a prática filantrópica servia como status, posição social e prestígio da família para com a sociedade, desse modo, sob uma perspectiva de gênero, a dedicação das mulheres para essas atividades se tornava um elemento de distinção para alcançar o matrimônio com um bom partido.

Na passagem sobre a reportagem da participação de Clarice no concurso “Glamour Girl: - Muito entusiasmo e tudo para assistência social”, podemos verificar a utilização dos jornais como forma de propaganda das elites com o modelo de bom católico. Durante a consulta nos jornais de Pelotas, verificamos que esse tipo de anúncio era comum nas colunas sociais, assim como extensas listas que nomeavam o nome das famílias da elite que estavam presentes em missas, novenas e atividades filantrópicas. A família de Clarice era uma das citadas nessas colunas sociais, como por exemplo, em uma notícia do jornal A Opinião Pública, no dia 13 de maio de 1954, na presença de um evento no Instituto São Benedito, uma instituição filantrópica patrocinada pela elite local e que tinha o objetivo social de acolher meninas sem família.

Embora o *status* econômico de uma família fosse representado pela figura do homem como provedor, as mulheres eram as principais representantes das

associações filantrópicas, como afirma Freire (2006, p. 102) “Embora praticada por homens e mulheres, a filantropia se apresentava como atividade essencialmente feminina, vinculada a sua natureza em geral, e em particular a sua condição maternal”. A condição maternal atribuída como um natural do corpo feminino esclarece a razão pela qual as associações femininas tinham como foco o cuidado de crianças desamparadas ou famílias desestruturadas, função que posteriormente foi designada às assistentes sociais e é atualmente constituída por mulheres.

A historiadora Ana Paula Vosne Martins (2015), em seus estudos sobre o papel das mulheres na filantropia, compreende que o processo histórico de naturalização da filantropia enquanto uma prática feminina ocorreu desde o século XVIII, na Europa, devido à busca das mulheres na crítica iluminista e na religião para argumentar a defesa de suas capacidades morais e intelectuais, bem como afirma a autora: “algumas mulheres de classes médias usaram a seu favor qualidades que até então eram menos valorizadas pelo discurso racionalista, como a bondade” (MARTINS, 2015, p. 18). Logo, a bondade, que até então era considerada virtude, passa a ser cada vez mais associada a uma qualidade feminina. Esse processo de naturalização da bondade, juntamente com apoio da Igreja, ofereceu às mulheres do século XIX a base de sua defesa para se organizarem nas questões sociais de caridade.

Desse modo, o ímpeto reformista das mulheres foi constituído pela conquista de posições como agentes sociais por meio das ações filantrópicas. Logo, através da filantropia, as mulheres colocavam seu reconhecimento diante da sociedade, justificando uma “utilidade social”. Nesse sentido, a filantropia, além de ser uma prática que atribui um status social para elites, deslocou o papel da mulher como exclusivo ao lar, proporcionando maior liberdade e contato com o espaço público:

As muitas atividades que envolviam este tipo de trabalho voluntário estão na origem de uma nova experiência nesse espaço intermediário entre o público e o privado e, posteriormente, na organização das profissões da assistência social, como a enfermagem e o serviço social (MARTINS, 2015, p. 26).

Se considerarmos que essas atividades propiciaram experiências que colocaram as mulheres no mercado de trabalho, é compreensível que Clarice tenha feito graduação em Assistência Social, diploma esse que possibilitou sua inserção laboral. Sobre as associações filantrópicas, interpretamos a inserção de Clarice nesses espaços não somente como uma maneira de ampliar sua rede de sociabilidade dentro da elite, mas também como uma estratégia para se colocar em âmbito público. Um exemplo está no estudo de Larissa Patron Chaves (2013), que, ao analisar as pinturas

de beneméritos das Sociedades Portuguesas de Beneficência, considera a exibição dessas imagens como um poder simbólico da elite por meio das associações de caridade. Dessa forma, nas salas dessas instituições de caridade estavam estampados rostos ou bustos dos benfeitores para que a sociedade pudesse perceber seu poder. “Não há caridade efetuada se ela não pode ser mostrada para o público. Não há assistência se ela não ficar evidenciada pelo poder que emana, pelo ato concedido, e consequentemente pelo que representa” (CHAVES, 2013, p. 9).

No caso de Clarice, os jornais, ao mencionarem seu nome, construíam esse poder simbólico das mulheres da elite. Logo, a reportagem “Glamour Girl”, ao narrar os atributos pessoais de Clarice, representa a tentativa da elite pelotense de mostrar para a sociedade, por meio da prática filantrópica, o lugar social de suas mulheres. Sendo assim, de outro modo, identificando-a como “filha do Sr. e da Sra. Dr. João Xavier”, a referência da aquisição econômica da família lhe conferiu o atributo de ser uma entre os melhores partidos na “lista de partidos de 1955”, uma forma de mostruário para matrimônios com homens ricos.

Conclusão

Em suma, o presente trabalho apresenta parte dos relatos de uma jovem sobre suas atividades educacionais e sociais em Pelotas na década de 1950. Apesar de a proposta ter sido a apresentação de apenas um fragmento desses espaços educacionais, o objetivo do artigo foi apresentar uma análise sobre as instituições educacionais cristãs no contexto da formação de uma jovem de elite na cidade de Pelotas. Desse modo, utilizando uma bibliografia sobre o Colégio São José, foi possível concluir que o contexto de modernização das cidades e do comportamento social se manteve intacto na forma de educação feminina na década de 1950. Apesar da possibilidade de acesso à continuação dos estudos no magistério ou em cursos de outras profissões “femininas” na Universidade, a mentalidade sobre o lugar social feminino como pertencente ao lar e ao cuidado do marido permaneceu em voga na proposta educativa da supracitada instituição.

Do mesmo modo, se a educação cristã reafirmava o papel social das mulheres, a filantropia, mais do que apenas uma forma de demonstração de poder econômico das elites, funcionara como meio de propaganda do “cidadão do bem” em que, pelo lado referente às mulheres abastadas, servia como ação social, que posteriormente permitiu a inserção das mulheres em profissões do mesmo cunho, como, por exemplo, a assistência social. Ademais, a demonstração dos atributos “naturais” dessas mulheres por meio da caridade, como bem explorado pelos jornais da cidade, era uma

importante ferramenta para as famílias da elite local, pois sendo mencionados nas páginas de colonistas sociais, o comportamento exemplar das moças agregava valor simbólico à família, permitindo à mesma uma maior e melhor inserção nos círculos de sociabilidade reservados aos setores mais abastados, favorecendo alianças políticas e possíveis casamentos entre os seus herdeiros.

Referências

ANJOS, M. H. dos. **Estrangeiros e Modernização**: A cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Ed. UFPEL, 2000.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CHAVES, L. P. Pintura e Sociedade: retratos de beneméritos das sociedades portuguesas de beneficência e o patrimônio cultural no sul do Brasil. In: ENCONTRO HISTÓRIA, IMAGEM E CULTURA VISUAL, 2, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <http://www.anpuh-rs.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1162>. Acesso em: maio 2021.

CUNHA, W. D. dos S.; SILVA, R. J. V. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. **Gênero**, v. 11, n. 1, 2010.

DEVANTIER, V. da S. **Visões do Urbano**: a Rua XV de Novembro, Pelotas/RS. 2013. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

FREIRE, M. M. de L. **Mulheres, Mães e Médicos**: Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). 2006. 316p. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

HAHNER, J. E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

LOPES, A. L. B. **A modernização do espaço urbano em Pelotas e a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (1947-1957)**. 2007. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MARTINS, A. P. V. A feminilização da filantropia. **Gênero**, Niterói, v. 15, n. 2, p. 13- 28, 2015. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/652/398>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

SANTOS, R. de C. G. dos. **A educação das meninas em Pelotas**: a cultura escolar produzida no Internato Confessional Católico do Colégio São José. 2012. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.